

*Os bairros e o futebol na
cidade de Buenos Aires de
1930*



OS BAIRROS E O FUTEBOL NA CIDADE DE BUENOS AIRES DE 1930

Julio D. Frydenberg

RESUMO

No processo de formação da Buenos Aires moderna, o cenário da cidade mudou enormemente em poucas décadas. Passa-se da cidade das vizinhanças à dos bairros. Esse movimento ocorrido nas décadas de 1910 e 1920 foi considerado crucial na construção da cidade atual, assim como de seus sentidos a partir dos anos 1930. Os anos 1920 e 1930 são os momentos do nascimento do imaginário bairrista e dos próprios bairros. Este artigo procura entender o papel do futebol nesse processo de construção das identidades de bairro.

PALAVRAS-CHAVE

Futebol; Buenos Aires; Bairros.

Julio D. Frydenberg¹

OS BAIRROS E O FUTEBOL NA
CIDADE DE BUENOS AIRES DE
1930²

No processo de gênese da Buenos Aires moderna, a paisagem da cidade muda enormemente em poucas décadas. Passa-se da cidade das vizinhanças à dos bairros. Esse movimento ocorrido nas décadas de 1910 e 1920 foi considerado crucial na construção da cidade atual, assim como de seus sentidos a partir dos anos 1930. Os anos 1920 e 1930 são os momentos do nascimento do imaginário bairrista e dos próprios bairros. Aqui se buscará desenvolver um estudo do papel que coube ao futebol nesse processo.

A partir da ação do mercado (loteamento de terras e sua venda a prazo), da ampliação do sistema de bondes e da ação do Estado, ocorreu a ocupação do território cujos limites foram fixados em 1887. No princípio do século XX, o movimento tinha produzido um centro superpovoado, bairros tradicionais como a Boca, enclaves distantes (Flores e Belgrano), e uma multidão de “vizinhanças”, mais ou menos conectadas com esse centro por meio do trem e dos bondes. Na primeira década do século, as vizinhanças apareciam como subúrbios de fronteira de um centro que se expandia para os arrabaldes.

A chamada modernização plena significou a transformação dessas vizinhanças e das zonas intersticiais que as separavam em áreas plenamente urbanizadas pelo formato de um tabuleiro de xadrez diagramado pela ação estatal. Esse processo significou, nos anos 1920, o surgimento dos “bairros”, em sua maioria nascidos sobre a uniformidade morfológica da quadrícula. O movimento urbano e social que abrangeu o

¹ Doutor em História pela Universidade de Buenos Aires e Diretor do Centro de Estudos do Esporte, Escola de Política e Governo, Universidade Nacional de San Martín, Argentina.

² Tradução: Livia Gonçalves Magalhães. Revisão: Cristiana Schettini.

nascimento dos bairros implicou o aparecimento de um novo espaço público local, estruturado pela ação conjunta de novas associações (associações de bairro, bibliotecas populares, clubes); novos atores sociais (as *barriadas*³ socialmente homogêneas); novos cenários (a rua, a esquina, o café do bairro); novas sociabilidades; e novos setores populares ou, melhor dito, nova cultura desses setores populares. Todo esse conjunto foi misturado mediante a ação de agentes que ajudaram a conectar a nova vida cidadã ao mundo local. A escola, os meios de comunicação de massa, os novos consumos, assim como a construção de rituais profanos massivos cumpriram esse papel.

Os espetáculos massivos foram construídos juntamente com o público “moderno”, que também foi o público do futebol. É um público formado pelos setores trabalhadores e médios. Um público em sua maioria letrado. Um público para o qual cabem considerações similares às de autores como Adolfo Prieto e Beatriz Sarlo. Nesse sentido, dizemos que o futebol e seu público não destoam da sensibilidade dos anos 1920, desse “movimento da subjetividade onde joga o amor, o desejo, a paixão”. Nesse caso, a diferença é que o público é majoritariamente masculino.³

Os estudos que trataram da história da cidade de Buenos Aires supuseram uma relação íntima entre o nascimento dos bairros portenhos e o desenvolvimento do fenômeno do espetáculo futebolístico. O futebol foi escolhido como tema, mas aparece tão inocultável como intangível, incômodo e escorregadio.

Nos primeiros vinte anos do século, o futebol se transformou. De moda juvenil passou a ser uma prática plenamente institucionalizada. Se no princípio do século, o futebol emergiu junto com uma onda de fundação de clubes/times, em um movimento paralelo à pequena liga dirigida pelas escolas inglesas, durante a segunda década a situação passou por uma

Nota da Tradutora (NT): “*barriadas*” é um termo em castelhano que se refere a um bairro pobre ou a um grupo de seus moradores, tal como no caso da menção desta no texto.

³ O futebol, fortemente associado ao jornal, não escapa aos espaços de uma cultura em boa medida mediada pelo papel impresso, ainda que tenha suas próprias características. Nos anos 1920, o futebol compartilha todo um conjunto de consumos e mudanças de hábito que afetam a vida cotidiana: a expansão da alfabetização, o consumo cultural (cinema, publicações, etc.).

grande reviravolta. A liga oficial dividiu-se em duas. O futebol organizado foi se desligando do domínio dos personagens britânicos e passou a ser permeável à entrada de muitos dos clubes nascidos dos setores populares.

Simultaneamente, a partir desse momento o futebol chegou a quase todas as instituições sociais e corporações, desde o Exército e a Igreja, os partidos políticos até as corporações empresariais e os sindicatos. O espetáculo, incipiente durante a primeira década, espasmódico na concentração de grandes multidões, foi sendo ampliado.⁴ A década de 1920 marcou um verdadeiro salto no processo de incorporação das grandes massas ao consumo e à produção de bens de cultura popular e massiva. Entre 1922 e 1928, as estatísticas reconhecem que a Argentina viveu anos de bonança econômica, fruto do aprofundamento do seu papel de produtor e exportador de produtos agropecuários. Os setores trabalhadores viveram um momento em que o custo de vida caiu, com um leve aumento do tempo disponível para o desenvolvimento de atividades recreativas, e uma maior presença como consumidores de produtos de massas, por exemplo, de jornais como a *Crítica*, ou a assistência aos estádios de futebol, espetáculo esportivo já instalado como a maior atração popular.

Centraremos a atenção na abordagem da questão da participação ativa do fenômeno futebolístico na formação das identidades de bairro. É necessário insistir no fato de que os novos bairros portenhos são basicamente construções simbólicas,

⁴ Até 1910, os eventos com mais convocatória foram os clássicos entre Argentina e Uruguai, que se enfrentavam ocasionalmente e que conglomeravam entre 8 mil e 10 mil aficionados. Até 1930, os estádios dos clubes mais populares podiam receber mais de 40 mil pessoas todos os finais de semana, e muitas vezes ficavam sem espaço. A potência atrativa do futebol e dos clubes também pode ser medida se consideramos a quantidade de sócios das instituições. Desde o final da segunda década, pode-se observar a presença dos chamados “cinco grandes”, medidos em quantidade de torcedores, de sócios e de êxitos esportivos. A chegada do profissionalismo em 1931 e, em função disso, a ação positiva dos dirigentes multiplicaram geometricamente a quantidade de sócios desses clubes grandes. Entre 1925 e 1932, os cinco grandes quaduplicaram suas massas societárias, que passaram, em linhas gerais, de 3 mil ou 4 mil a 12 mil ou 15 mil sócios. É preciso considerar que, apesar da ausência de dados que confirmem plenamente essa suposição, durante o mesmo período, a venda de ingressos não parece ter crescido nem mesmo o dobro.

geradas sobre a base de uma quase total indiferenciação morfológica estrutural, resultado da rápida urbanização sobre a grade quadriculada. A construção acabada do contexto ritualizado do espetáculo futebolístico ajudou a cristalizar as identificações em função do bairro, que estiveram fortemente ligadas ao futebol. Assim, concebemos o espetáculo futebolístico dentro de um contexto ritual peculiar, moderno, profano.⁵ Esse processo, junto com modificações estruturais e mediáticas, junto com apropriações e produções próprias, produziu modificações na cultura desses setores sociais.

Em Buenos Aires, esse contexto ritualizado do futebol, com todos seus condimentos, estava plenamente construído na década de 1930. A tarefa, a proposta, será aqui mergulhar na sua formação, sua gênese. A atenção será centrada em localizar no tempo a presença dos elementos urbanos e materiais necessários

⁵ Para que o fenômeno do estreito vínculo do futebol com as identidades de bairro seja visível, é necessário incorporar categorias que permitam percebê-lo. Para ajudar a explicá-lo, será necessário o emprego de conceitos como o de "ritual". A respeito do conceito de ritual, não se pode entender a sociedade moderna se pensamos que os rituais foram excluídos de seu seio. A Modernidade inclui esses fenômenos. Existem invenções urbanas modernas que são rituais. Traços característicos dos rituais e que estão presentes no espetáculo futebolístico: ruptura com a vida cotidiana; marco espacial e temporal específico; encenação programada que se repete periodicamente durante um tempo cíclico; preeminência da comunidade sobre a individualidade; é ocasião de ações comuns, no marco em que a sociedade toma consciência de si e se autoafirma, com sentimentos de "comunitas" (proposto como necessário para o funcionamento de toda sociedade). A diferença mais marcante entre ritual religioso e ritual futebolístico estaria na ausência de seres ou forças sobrenaturais. O ritual "faz" mais do que "diz". Por isso é necessário ler o que as pessoas fazem no ritual. Os elementos do ritual presentes no futebol são: estádios, hierarquias próprias da ordem do futebol (localizadas especialmente: dirigentes, etc., platéia, arquibancada); comportamentos coletivos: a torcida com seus cantos, danças, cores; mundo do futebol como analogia de uma religião universal: com seus elementos de "idolatrização", padronização; um cenário programado, repetitivo, estereotipado; unanimidade temporária que se constrói contra um bode expiatório: por exemplo, o árbitro. Sobre o conceito de ritual, as ideias básicas foram extraídas de: BROMBERGER, C. Las multitudes deportivas: analogías entre rituales deportivos y religiosos. *Revista EFDeportes.com*, Buenos Aires, ano 6, n. 29, jan. 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/indic29.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2009.

para seu desenvolvimento pleno, nas mudanças operadas na cidade e na sociedade portenha que tornaram possível sua concretização.

Por outro lado, o universo simbólico gerado em torno do contexto ritualizado do espetáculo se sobrepôs ao desenvolvimento de um espaço público novo, a um novo momento na evolução da cidade. O futebol incidiu na própria constituição desse novo momento na história de Buenos Aires. No caso do futebol, de Buenos Aires e de seus bairros, não se pode entender os processos separados, uns sem os outros. O elemento articulador entre o futebol e a cidade foram as identificações territoriais. Existiu um processo único que implicou a geração de um novo espaço público, o desenvolvimento pleno do ritual futebolístico, e a construção das identidades de bairro (e dos próprios bairros), que, naturalmente, não foram edificadas somente com o futebol. O núcleo desse processo teve lugar nos dez anos que transcorreram entre meados dos anos 1920 e meados dos anos 1930.

AS "PREMISSAS" URBANAS E CULTURAIS DO ESPETÁCULO FUTEBOLÍSTICO EM BUENOS AIRES

Existiu uma íntima relação entre a estruturação do contexto ritual do espetáculo futebolístico e uma série de mudanças tais como as transformações nos hábitos de sociabilidade, as práticas e experiências da vida na cidade moderna. O futebol organizado fez parte dos chamados espetáculos de massas modernos. Esses novos cenários somente foram possíveis quando a sociedade conheceu algumas alterações significativas que giraram em torno de:

- crescente tempo livre e nível de vida das maiorias;
- nascimento de uma nova sociabilidade masculina;
- novo espaço público ligado à ação estatal, espaços de sociabilidade urbana e meios de comunicação de massas;
- novos meios de transporte entre os bairros;
- novos meios de comunicação de massas, como a imprensa escrita popular e o rádio; e
- novas aprendizagens dos habitantes da cidade em sua transformação em público, no caso portenho tendendo,

desde o princípio, a se transformar em participante ativo do espetáculo futebolístico (contexto ritual semanalmente repetido).

Desde princípios do século, foi se desenvolvendo essa formação do hábito de participação entre grandes grupos, da interação entre indivíduos, grupos e massas no uso da rua e dos estádios. Foi um verdadeiro processo de aprendizagem coletiva que terminou por se cristalizar nos anos 1920.

Se centrarmos a atenção nas condições materiais urbanas que tornaram possível a estruturação do espetáculo como contexto ritual, em primeiro lugar, é preciso falar dos grandes estádios, os cenários do evento. Observando as datas de construção dos grandes estádios da cidade, percebe-se que são dessa época: Sportivo Barrancas, 1920; Club A. Atlanta, 1922; Independiente, 1928; San Lorenzo de Almagro, 1929; River Plate, nos anos 1920 e definitivamente em 1938; Argentino Juniors, Boca Juniors e Nova Chicago, nos anos 1940, etc.

O estádio de futebol foi um palco que permitiu a ativa participação e a visibilidade dos presentes. Permitiu a constituição de “comunitas”, elemento básico para a construção de identidades coletivas.

Os estádios apresentam uma clara demarcação de espaços, desde o surgimento da grade de proteção, um limite que até então era frequentemente violado. O campo de jogo assume um caráter mais fortemente sacralizado. A uniformidade na vivência dos espectadores não consegue dissimular a segregação do público segundo classes sociais (tribuna especial, cadeiras, arquibancadas). O futebol é um espetáculo muito especial. A adesão mais ou menos incondicional do público, somada a uma estrutura não totalmente mercantil das instituições, fez com que a oferta, como era tendência naqueles anos, nunca tenha conseguido satisfazer a demanda. Assim, os cenários e as instalações sempre ficaram aquém dos requerimentos do público e da mídia, especialmente em relação aos times “grandes” (assim chamados desde o final dos anos 1910 em razão da quantidade de aderidos). Os jornais, sintonizando na direção do engrandecimento do espetáculo do qual formavam parte, mostravam as carências dos cenários frente ao massivo fluxo de torcedores. Assim falava a *Crítica* sobre o jogo no estádio de San Lorenzo entre o time local e Racing:

Vinte mil pessoas assistiram ao jogo entre San Lorenzo e Racing, mas cinco mil ficaram de fora. Às 13 horas foi preciso suspender a venda de ingressos por falta de espaço. O Esquadrão de Segurança teve que intervir (...) Às 12h havia no estádio dez mil pessoas. Dentro do *field* era difícil ver muitas das jogadas. Com um *field* de capacidade o jogo de hoje teria recebido facilmente umas cinquenta mil pessoas. Houve alguns incidentes na rua em virtude dos protestos do público.⁶

É necessário dizer que, no fim dos anos 1910, para uma faixa importante dos homens adultos, já existia o hábito de ir ao estádio. Entretanto, a partir dos anos 1920, esse foi se transformando em um fenômeno quase universal, quase unânime para os homens, especialmente dos setores populares, fortemente associado à possessão de qualidades viris, dos códigos da cultura masculina, da qual, como prática no jogo e como torcida dos espectadores, o futebol foi uma marca distintiva.

Retomamos a série de premissas urbanas sobre o desenvolvimento do espetáculo futebolístico. Os estádios sem os meios de transporte não são nada. Nesse sentido, não é por acaso que na década mencionada apareceram novos meios de transporte estreitamente associados ao futebol: o ônibus e o caminhão (em algumas oportunidades alugados *ad hoc* para o transporte de torcedores).

⁶ *Crítica*, 8 ago. 1926, p. 4. Outros dois exemplos: “Dia a dia aumentam os adeptos ao esporte. Pode-se esperar 40 mil espectadores para os jogos internacionais mais atrativos. Urge aumentar a capacidade dos estádios e isso nós esperamos dos clubes já que não o podemos esperar das autoridades oficiais, sempre lentas” (*El Gráfico*, 25 ago. 1928, p. 17); Jogaram Boca *versus* Independiente: “Um dia esplêndido e as *barriadas* se movimentaram desde cedo em busca da diversão preferida. O estádio do Independiente ficou pequeno (33 mil entradas vendidas; 7 mil sócios; 5mil mulheres) em fila à mercê das grandes avalanches que varreram os ingressos. (Recorde de bilheteria) Contemos os que não se animaram a ir ao estádio do Independiente pelo difícil acesso; somemos os que teriam ido se tivessem mais comodidades, e chegaríamos à conclusão de que seria preciso um estádio com capacidade para mais de cem mil pessoas. Esse é um destino longínquo, mas para o qual a nova liga deve caminhar” [Refere-se à recentemente criada liga profissional] (*El Gráfico*, 4 jul. 1931, p. 21).

Desde 1928, o ônibus permitiu conectar mais facilmente os bairros entre si, de um modo diferente dos tradicionais bondes e trens, estruturados sobre o eixo de conexão entre a periferia e o centro, ou entre cidades próximas.⁷ As imagens das fotos e dos filmes da época, assim como os textos das crônicas jornalísticas mostram o público chegando aos estádios graças a todos esses meios de locomoção, por volta de 1930. Por exemplo, em 1932, o clube Independiente contratou “um serviço de ‘banheiras’ para que os torcedores vermelhos cheguem a Caballito desde Avellaneda. 1 \$ a passagem”.⁸

Outro elemento necessário para a edificação do contexto ritual é a organização institucional de calendários programados e amplamente difundidos. Nesse sentido, a imprensa popular e esportiva ocupou um lugar especial. Desde meados dos anos 1920, *Crítica* e *El Gráfico* encabeçaram as vendas e a adesão majoritária. Tudo isso supõe uma organização institucional mais ou menos calibrada, o que não chegou a existir nos anos 1920. Foi apenas com o profissionalismo que os mecanismos institucionais melhoraram um pouco.

A década de 1920 viu crescer a quantidade do público presente ao espetáculo futebolístico. Naturalmente, esse tem uma função, um papel, que compartilha com o público de qualquer outro espetáculo. Participar de um fenômeno muito específico e codificado implica não se poder aceitar que lhe ofereçam qualquer coisa. Em fins dos anos 1920, já se entendia nos códigos próprios do futebol que, embora as regras, em geral, fossem elaboradas por outros, elas terminavam sendo adotadas como próprias. A isso eram agregados valores e estilos próprios gerados no mesmo processo de apropriação. Ser público desses eventos massivos requeria certa aprendizagem, acúmulo de experiências, assim como maneiras de agir.

O público espectador nos estádios não cumpria, nem cumpre um papel paciente e passivo durante o tempo em que se

⁷ Jogaram Estudiantes de La Plata *versus* Quilmes: “Os simpatizantes do Quilmes chegaram à cidade de La Plata em um trem expresso fretado pelo clube, enquanto outros ocupando grandes caminhões, cobertos de grandes bandeiras de seu clube” (*Crítica*, 18 maio 1930, p. 7).

⁸ Chamava-se “banheiras” a um tipo de micro-ônibus ou ônibus sem teto (*Crítica*, 2 set. 1932, p. 15).

desenvolve o espetáculo. A torcida é uma base a partir da qual se estruturou o ritual e com ele as identificações futebolísticas nos anos 1920. Esse formato de adesão nasceu com a popularização do futebol e foi elemento necessário da cristalização das identidades futebolísticas e dos bairros. A torcida nasceu com a popularização do futebol em princípios do século XX. A mídia não a encorajou, manteve-se neutra frente ao fato consumado ou o condenou. Isso pode ser visto nos jornais que dedicaram mais espaço ao tema, como *La Argentina*, *La Mañana* ou *Crítica*.

Frequentemente, insistiu-se sobre as sensações e as atitudes do público—o torcedor através do tempo. Com o objetivo de mostrar como se aprofundaram os elementos dramáticos e trágicos no público atual, foram acentuados os elementos cômicos e paródicos presentes no público dos anos 1930, quando se supunha que o torcedor incentivava o próprio time e o próprio jogador, não agredia ao árbitro nem ao rival, e nem vivia o destino do próprio time com muita angústia. Esse público, segundo o relato tradicional, estaria construindo o “futebol festa” dos anos 1940 e parte dos anos 1950.

Entretanto, desde muito cedo os estádios foram cenários em que se reuniram os condimentos duais de drama e paródia. Nos anos 1920, nota-se facilmente essa dualidade na percepção que tiveram alguns meios jornalísticos sobre a vida e a ação das torcidas, as “garotadas” e as “organizadas”^{***} de aficionados. Nesse sentido, o caso mais pragmático é novamente o jornal *Crítica*. Em suas páginas, vemos imagens e parágrafos laudatórios dos garotos, a garotada, que se reuniam em bares, cafés dos bairros e debatiam sobre futebol, incentivavam seus clubes e estrelas favoritos com calma, mas não sem certa excitação. Por outro lado, era diferente quando se falava desses mesmos homens nos estádios. Nesse contexto, eles eram chamados de “organizadas”, e era impossível evitar o tom moralizador. Em especial, a *Crítica*, intimamente associado ao desenvolvimento do espetáculo, observava com certa distância e apreensão as atividades das organizadas, que considerava um perigo para a própria reprodução do futebol oficial. Ou seja, os mesmos grupos

* NT: No original, muchachadas.

** NT: No original, barras.

eram vistos como um produto quase exótico das *barriadas* e de um cenário habitual de suas vidas, o café; e, ao mesmo tempo, como desalmados e violentos dentro dos estádios. O comum entre as duas caras desses mesmos sujeitos era que em ambos os casos se tratava de torcedores.

No mesmo sentido, em relação aos cânticos dos fanáticos, criou-se a idéia de que, antes dos anos 1960, seus conteúdos eram mais de elogios ao próprio time que contrários ao adversário. Entretanto, e apesar de que o tema mereceria toda uma linha de pesquisa própria, não parece ter sido assim. Por exemplo, o jornal *Crítica*, no afã de se dirigir a uma enorme pluralidade de públicos leitores, permite visualizar, detectar a intenção de mostrar a rivalidade entre os clubes. Por exemplo, os torcedores do Club Atlanta em um jogo contra o Racing Club (chamado “a academia”) não paravam de gritar “a academia já tocou”.⁹

Os novos âmbitos de sociabilidade masculina, tais como os bares, as esquinas, as “paradas”, eram visíveis para a imprensa popular, que, em um movimento de vaivém, os recriava e os incorporava como tema para seu público consumidor.¹⁰ Por exemplo, a *Crítica* encarregava-se de mostrá-lo em alguns registros fotográficos, apresentando as “garotadas futeboleiras” que frequentavam os bares vinculados às torcidas de alguns clubes.

Naturalmente, a torcida daqueles tempos era mais inocente que a atual, mas o compromisso emocional que os movia é facilmente perceptível. Essa inocência não permite concluir que a relação emocional do simpatizante dos anos 1920 e 1930 não estivesse impregnada de elementos dramáticos. Pode-se pensar o contrário. Talvez nosso dramatismo atual contenha elementos irônicos que antes não eram tão frequentes. Assim, o novo seria a falta de ingenuidade e a presença da ironia, da desconfiança, etc., e não a paixão e o dramatismo.¹¹ Nesse marco tragicômico

⁹ *Crítica*, 31 out. 1931. Cabe registrar que “já tocou” significa “já morreu, já perdeu”.

¹⁰ SAIITA, S. *Regueros de tinta*. El diario *Crítica* en la década de 1920. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1998.

¹¹ Apesar de não ter sido estudado até agora, é muito interessante o fenômeno do rasgo de carnes por parte de sócios frente a uma frustração esportiva. Que outro fato pode testemunhar o dramatismo que essa violenta crise de identidade e pertencimento institucional?

do ritual, trata-se de perceber que a rivalidade/inimizade foi um elemento constituinte do fenômeno do futebol, o que nos introduz no tema das identidades territoriais de Buenos Aires. Novamente, os meios jornalísticos tomaram a temática da rivalidade muitas vezes para estimular o público leitor a comparecer aos estádios, para somar afetação e para interessar um público já cativo na leitura. Analisemos um só caso... *Crítica* e o jogo que disputado por San Lorenzo e Atlanta, em julho de 1924:

Acreditamos que não existem duas instituições cujos associados sejam rivais de uma maneira tão terminante como as duas que ocupam nossa atenção. Quase todos eles estão estabelecidos lá no distante e populoso bairro de Boedo, bairro futebolista por excelência, onde ou se é sócio do San Lorenzo ou do Atlanta. Ali o tema obrigatório será o próximo jogo; ninguém escapa do interesse que desperta a luta entre os dois clubes, e será digno de ver e escutar os corredores que se formam nos cafés com os “torcedores” de ambas as instituições, que muitas vezes começa com um galante convite de um *express*, continuam discutindo se o Monti é isso ou aquilo, se o Semino é um jáf mais científico pela inteligência de sua colocação e maestria inigualável de seu jogo de cabeça; se o Célico — o bem-humorado capitão do Atlanta — dá e sobra para dar conta da veloz dupla Acosta, Carricaberry e... terminam com um vigilante* ...¹²

* NT: Vigilante, além de se referir ao agente policial, é também um tipo de pão doce comum nas confeitarias e bares argentinos desde o começo do século.

¹² *Crítica*, 3 jul. 1924, p. 14. Outros exemplos: “Rivais de bairro. Platense e Defensores de Belgrano. Estes dois velhos ‘amici’ disputando nesta ocasião os dois pontos do campeonato e a superioridade do bairro. (...) Muitas vezes há excesso e festa entre os torcedores desses clubes” (*Crítica*, 7 ago. 1926, p. 11). *Crítica* fala nestes termos: Enfrentam-se Boca vs Racing que têm entre si uma “rivalidade acentuada”. Entre San Lorenzo e Huracán existe uma “disputa acirrada na pela supremacia do bairro” (*Crítica*, 23 mai. 1930). Jogam Argentinos Juniors vs Colegiales: “Argentinos Juniors e Colegiales disputam a supremacia da zona. São rivais de bairro (...) velhas discussões pela supremacia de uns sobre os outros; jogam pelo prestígio de um mesmo bairro, dividido pelos afetos, comentários animados que vão tomando forma no âmbito de cada um, que aumentam quando se aproxima o jogo” (*Crítica*, 27 mai. 1930, p. 16).

Sabemos da existência de bares quase exclusivos para os simpatizantes de alguns clubes. Bares situados no centro dos bairros onde compareciam de vez em quando alguns jogadores do clube. Era o caso de Platense, San Lorenzo, Velez, entre outros.

É de suma importância levar em conta que quando se formaram os bairros já existiam os torcedores e a rivalidade entre clubes. Ambos edificaram uma forma de viver o futebol e de ver o outro como um rival/inimigo, e não como um mero e ocasional adversário.

AS IDENTIFICAÇÕES DOS BAIROS COM O FUTEBOL

No marco da modernização urbana, o problema aqui proposto é relacionar o futebol, que também sofreu grandes mudanças, com a construção dos vínculos identitários referentes aos bairros. Defendemos que a gênese dos bairros portenhos operou, entre outras coisas, sobre a matéria que o futebol já tinha gerado desde princípios do século XX. Essa identificação territorial, primeiro de vizinhança ou de quarteirão, foi construída com a matéria propiciada pelo futebol e seus formatos emocionais e institucionais de construção de fidelidades e rivalidades.

A rua e a esquina, a chamada “parada”, passaram a ser o espaço ganho pela garotada e pelo futebol. Junto com o tango e o turfe, operou e foi, ao mesmo tempo, meio para a criação dessas novas sociabilidades em torno das esquinas, as “paradas”, os cafés, os jogos semanais. Ali, esses núcleos masculinos, em íntimo contato com a vida cotidiana e familiar, deram vida às chamadas “garotadas futeboleiras”, que tinham a vantagem, em relação ao turfe, de unir várias gerações. Todo esse novo universo implicou a reformulação do senso comum estruturado em torno da vida do bairro, formatada pelo futebol e em que o futebol foi tema recorrente. Nos bares, nas esquinas, joga-se com as experiências próprias e com as narrações e discursos dos meios de comunicação que naquela época tinham enorme potência: o rádio (no seu início e em rápida expansão) e a imprensa popular escrita, plenamente massificada.

A construção da identidade de bairro ergueu-se sobre a base de poucas diferenças morfológicas entre os distintos bairros

diagramados sobre um espaço quadriculado.¹³ Assim, as construções simbólicas configuraram essas identidades (heterogêneas e conflituosas) construídas por sobre a tendência à homogeneidade e à indiferenciação espaciais.

Se prestarmos atenção à cronologia, veremos sem dificuldade que a geração que participou do nascimento dos bairros supôs o futebol como um fenômeno preexistente, aceitando-o como próprio e “natural”. Esse fato não é menor. O “previamente existente” foi uma contribuição do universo simbólico do futebol. Esse “prévio” fornecido pelo futebol, e que nasceu no princípio do século ao se popularizar a prática e ao nascer o espetáculo, é o fenômeno “fundado” por jovens que se sentiram, por meio do futebol, representantes de um território, uma vizinhança, frente ao universo geral da cidade e especialmente frente à vizinhança mais próxima e principal rival. Eles sentiram que jogavam a honra de serem únicos, os “verdadeiros” representantes do pequeno lugar. Sobre essa matriz, esse formato em que é simples visualizar o “eles” e o “nós” por meio de um canal privilegiado como a competição esportiva, operará a construção de novos espaços públicos locais, a urbanização e, mais tarde, desde o fim dos anos 1920, a imprensa, potencializando todo esse fenômeno, potente por si mesmo.

Os bairros nasceram em consonância com a potência de um formato, uma matriz que foi contribuição do futebol e seu ritual: a construção de identidades sobre a base da oposição a um outro (rival/inimigo) e todos os outros competidores.

O futebol foi uma das vias pelas quais esses processos se concretizaram. Processos nos quais a homogeneização sociocultural e o individualismo correram paralelos e justapostos. Ele operou no sentido da corrente modernizadora oficial, mas, paradoxalmente, foi veículo da aparição de novas heterogeneidades e conflitos. As rivalidades e seu conteúdo desviaram-no dessa vertente de construção de novas homogeneidades e geraram novas diferenças. O bairro homogeneizou-se, edificou-se sobre o futebol, mas esse outro contexto, o texto, o ritual do futebol e sua cultura associada

¹³ GORELIK, A. *La Grilla y el Parque*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

emergiram e tornaram visíveis diferenças sociais.¹⁴ A paisagem do bairro foi montada a partir da experiência do futebol, dos imaginários gerados no futebol, das identidades geradas com o futebol, misturadas com a torcida, num processo percorrido por este esporte desde o início do século XX.

Isso operou de forma justaposta, compartilhada ou em tensão com as experiências e saberes que conhecemos por meio da já clássica produção historiográfica elaborada sobre a vida da cultura letrada, a partir da escola, das associações de bairro e das bibliotecas populares. O bairro é tudo isso junto, operando simultaneamente, às vezes em conflito e outras vezes em consonância. A identidade gerada pelo futebol e que fundamentou os bairros foi articulada sobre a base da distância, da criação e da invenção das diferenças com o outro, especialmente com o vizinho. Nesse sentido, as rivalidades ocuparam um lugar central nesse processo. Viver o futebol significou a rivalidade e, com ela, um formato que contagiou o armado das identidades dos bairros. Nessa torcida, certa “violência” ou agressividade real ou potencial esteve presente desde o início. Se observarmos a história da competição nos anos 1920, encontramos atos violentos. Eram frequentes as pedradas em árbitros, ameaças a jogadores próprios e alheios, cantos contra a outra torcida, invasões de campo, etc. A quantidade de suspensões de jogos, originadas por esses acontecimentos, chamariam a atenção do aficionado contemporâneo.

Nesse novo espaço público, nesses novos âmbitos de sociabilidade, eixos de produção e reprodução da simbologia bairrista, operaram os novos meios de imprensa. Esses sentidos dados pelos meios e aqueles que existiam previamente dados pelo próprio futebol foram “preenchendo” os conteúdos do ritual, cuja potência se explica pela particular conjunção entre forma e conteúdo.

¹⁴ “O bairro é uma paisagem, e toda paisagem é constituída pelo olhar de homens adultos, aqui as primeiras gerações de filhos de imigrantes. O olhar que constrói a paisagem é produto da experiência, distanciada que se volta para si” — assim o diz Beatriz Sarlo seguindo Raymond Williams (SARLO, B. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988).

As duas mídias mais importantes pelo seu alcance foram o jornal *Crítica* e a revista *El Gráfico*.¹⁵ A *Crítica*, diferente de *El Gráfico*, foi permeável às rivalidades locais expressadas no futebol. Na verdade, isso foi parte de uma política editorial por meio da qual se pretendeu transformar a publicação em uma referência das grandes maiorias. A *Crítica*, ao mostrar a existência das organizadas, das rivalidades, tentava “tocar” uma zona sensível para seus leitores, ecoar essa sensibilidade..., mas ao (tentar) fazê-lo, foi (necessariamente) mudando-a, transformando-a, já que ela continha elementos “inaceitáveis”. Ao se referir a ela, foi modificando-a, numa tentativa de neutralidade, foi refletindo elementos exóticos, essencializando e ao mesmo tempo criticando as características imorais.

Os meios de comunicação massivos foram, desde a segunda metade dos anos 1920, atores principais na recriação do fenômeno. Deram visibilidade, mas também classificaram, identificaram, nomearam, construindo, potenciando ou obturando. É notável como, se observarmos as páginas do jornal *Crítica*, em poucos anos as referências aos clubes mudaram completamente. Até o início da década de 1930, apareciam elementos que não existiam cinco anos antes. Apareciam os nomes que designavam os clubes arquetipicamente, de forma apelativa.

Por exemplo: Gimnasia y Esgrima de La Plata era chamado de os “means sana”, ou *triperos**; Racing, a academia; Independiente, os diabos vermelhos, os vermelhos de Avellaneda; Argentino Juniors, os da Avenida San Martín; Chacarita, os funerários; Velez Sarsfield, o forte, os da Villa Luro; River Plate, os milionários; Atlanta, os boêmios, os de Villa Crespo; Huracán, os do Parque dos Patrícios, o globinho; Platense, as lulas, os de Saavedra; San Lorenzo, o esquadrão de Boedo, o ciclone, os santos; Estudiantes de La Plata, pica-ratos (pincharratas); Quilmes, cervejeiros; Boca, os xeneises; etc. Todas essas maneiras de chamar os clubes e suas torcidas eram amplamente

¹⁵ Silvia Saitta estudou o jornal *Crítica*; e Eduardo Archetti, a revista *El Gráfico*. Cf. SAITTA, *op. cit.*; ARCHETTI, E. Estilos y virtudes masculinas en El Gráfico: La creación del imaginario del fútbol argentino. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 35, n 139, 1995.

* NT: Tripero é um termo utilizado na comunidade autônoma espanhola de Aragão para se referir a um indivíduo que tem grande prazer em comer.

empregadas na mídia, especialmente na *Crítica*, no fim de 1932. Seis anos antes só apareciam muito esporadicamente.

O jornal *Crítica* estava muito atento em recriar os espaços de contato direto com o público e tornar visível os âmbitos de sociabilidade, apelar a eles, ser cúmplice do leitor popular.¹⁶ Montou e potencializou o desenvolvimento do espetáculo esportivo, mas de uma maneira muito particular e diferente de *El Gráfico*, revista massiva com objetivos pedagógicos, porém mais apegada à construção de imaginários nacionais que locais.¹⁷

No jornal *Crítica*, aparece o portador mais claro da identidade de bairro, a chamada “garotada”. *Crítica* mostra fotos de dezenas de garotos que passavam suas tardes nos bares dos bairros, e as epígrafes dessas fotos explicam que esses alegres jovens formavam as garotadas do bairro de Saavedra e do clube “Platense”, por exemplo. Mas o faz normatizando, direcionando. Bandeiras, exotismo, distância são as maneiras empregadas pela *Crítica* para ocultar o que estava por trás, tentando neutralizar a violência existente naquelas fotos. Nas mesmas páginas aparecia a crítica a esses mesmos “garotões” que eram violentos nos estádios... mas sem mencioná-los diretamente. Eram as chamadas, pela *Crítica*, de “torcidas organizadas” (*barra bravas*). Os editores de *El Gráfico* pareciam temer que as *barriadas* se tornassem violentas e tratavam de não mostrar os gestos agressivos. Por isso dirigiam com mais entusiasmo seus argumentos e suas energias para as construções da identidade nacional futebolística.

¹⁶ SAITTA, *op. cit.*

¹⁷ Na imprensa popular aparece uma série de narrações que remetem ao passado (recente ou distante) das instituições e dos atores. Repetem-se as notas em fins dos anos 1920 e 1930 sobre os ex-jogadores, notas que apelam à nostalgia. Muitos artigos fazem eco das festas de aniversário dos clubes, entrevistas com os fundadores dos clubes, etc. No final da década de 1920, no rádio aparecem programas como o *Grande bordo do campeonato*, uma contrapartida paródica do que fazia *Crítica* com os clubes de futebol e suas designações arquetípicas. O programa apontava na mesma direção, cristalizando figuras e ícones aderidos aos clubes, com seus rivais tradicionais. Em 1928, realizou-se a primeira transmissão de um jogo de futebol. No ano seguinte, o país teria em funcionamento mais de 500 mil aparelhos, e em 1930 já existiam dez emissoras. Os anos 1930 viram nascer os programas esportivos dedicados exclusivamente a esse campo. Cf. ULANOVSKY, C. *Días de radio*. Historia de la radio argentina. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1995.

A mídia usa elementos originários da vida cotidiana e da cultura dos grupos majoritários. Devem fazê-lo se desejam ganhar consumidores. Mas ao fazê-lo hipertrofiam certos aspectos e enclausuram outros. De sua parte, os leitores se apropriam da leitura, filtrando-a com suas próprias vivências e crenças. Há eternos jogos de produção, cópias, apropriações, empréstimos, dominações.

O futebol, como todos os esportes modernos, veio da Grã Bretanha e foi adotado, gerando novas práticas, associando-se a outros valores diferentes daqueles originários. Nisso se pode ver um processo de empréstimo, de circulação e ao mesmo tempo de produção de novos elementos. Por exemplo, esses elementos novos estiveram, diferentemente do *fair play*, associados à expressão da paixão e à desinibição emocional. Assim, o futebol foi uma prática que misturou a afetividade e a razão.¹⁸ Essa matriz sobreviveu ao futebol durante sua inserção na produção das identificações dos bairros e, seguramente, com algumas mudanças ainda existe. O futebol foi uma arma de geração de visibilidade, de expressão oral e corporal.¹⁹ Foi cenário e meio de expressão em um âmbito de liberdade limitada pelas regras. Nesse sentido, o torcedor acredita ser dono de um papel que disputa o centro do cenário com os atores principais.

Os torcedores usaram e transformaram seu lugar no espetáculo. Desde um papel secundário, ainda que necessário, manifestaram desde o início do século iniciativas e atitudes que os mostraram interessados em ser eles mesmos o eixo. Esses sujeitos lutaram por fazer com aquilo que possuíam muito mais do supostamente deveriam. Fizeram o possível, forçando a faixa de possibilidades, com o que possuíam.²⁰ Com o futebol buscaram visibilidade, ascensão, presença, aprendizagem, preencher espaços sociais.

A lógica da construção de identidades no futebol é impossível de ser abordada sem dialogar com o seu contexto. Aqui, o marco foi a luta por visibilidade e a ascensão social. O

¹⁸ FORD, A. *Navegaciones*. Buenos Aires: Amorortu, 1994.

¹⁹ DE CERTEAU, M. *Pratiques quotidiennes*. In: _____. *Les cultures populaires*. Paris: Union générale d'édition, 1979.

²⁰ SARLO, *op. cit.* - seguindo Michel De Certeau.

cenário foi dado pela competição esportiva entre iguais e não com o poder. O poder aparece como algo dado pelas leis, rituais e papel dos participantes no espetáculo e, como veremos, pelo que é dado, pelos valores.

O que fazem com o que é dado? Como irromper no que é dado? Participando, enfrentando ao igual, ao outro, ao inimigo, na luta por se destacar e passar a primeiro plano...; na luta para impor uma noção de justiça segundo a visão do grupo, do interesse próprio. Fica o espaço da luta, da luta por justiça (esportiva), por espaços sociais e culturais para o qual o contexto ritual do futebol ofereceu um cenário ideal, no qual as expressões corporais, gestuais e passionais proibidas na vida diária estavam mais ou menos legitimadas.²¹ A profundidade dessas emoções estava marcada pela sensação de que com o futebol se jogava a essência profunda de cada um e do grupo, ou a própria existência do emblema que se reconhecia como próprio.²²

Focalizaremos brevemente nos valores que apareceram no ritual, no discurso da mídia e que por meio de diferentes fontes podemos supor existentes na configuração das identidades de bairro. Ou seja, aqueles valores masculinos tradicionais, como a virilidade, a coragem, a honra, colocados em jogo no mundo do futebol praticando ou exercendo o papel de torcedor.

O que estava em jogo? A honra. Os torcedores jogam o que eles aprenderam a jogar quando estavam jogando futebol, e assim fizeram os jogadores em torneios oficiais. Não é por acaso que as ligas socialistas e comunistas criadas na década de 1920 tiveram como um dos seus objetivos explícitos ensinar a jogar e a ser público, objetivos moralizantes que lembram os discursos dos ingleses, na mudança de século, que assumiam o poder da autoridade, cujos objetivos eram a difusão da prática esportiva segundo os princípios do *fair play*. Essa proposta de recriar o dever de ser a partir da esquerda estava destinada ao fracasso e talvez possa ser vista como um sinal: a distância entre os desejos de como devem ser os setores populares, os estilos de vida, o senso comum, e a luta por sua modificação.

²¹ BROMBERGER, *op. cit.*

²² Sobre a noção de "Jogo Profundo", cf. GEERTZ, C. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa, 1990.

A identidade de bairro construída sobre esse formato dado pelo futebol implica necessariamente a existência do outro, do rival. Nessa construção, os meios de comunicação de massa operam ativamente. Assim, foi se construindo um “nós” associado a um time — clube/território. Os dirigentes torcedores tiveram a atitude visceral que costumamos reconhecer no fanático atual. O que podemos dizer sobre os dirigentes que presenteiam com placas comemorativas a outros clubes e os que se ofendem com a mesma atitude?

Em janeiro de 1931, o Independiente fez bodas de prata. “O Clube Estudiantes de La Plata o homenageou colocando uma placa no estádio do Independiente, com o qual possuem uma grande amizade”.²³ O Racing Club, eterno rival do Independiente, desgostoso pela atitude, decidiu suspender suas relações com o Estudiantes. O cronista do *El Diario* conclui: “O sistema de suspender relações está se generalizando entre nossos clubes. O mais curioso nisto é que a ruptura de relações é precisamente o menos esportivo possível. Talvez seja por isso que recorram a ela!”.²⁴

O desenvolvimento do espetáculo incidiu na transformação dos times em “representantes” e bandeiras identitárias das comunidades de bairro. Embora isso não tenha sido plenamente corroborado, os clubes operaram mais como catalisadores simbólicos únicos para cada bairro, do que como veículo de participação coletiva. Nesse sentido, é notável a quantidade de associações que existiam em cada bairro.²⁵ Todo esse processo se baseia no fato esportivo, competitivo, que resultou ser um veículo enormemente eficaz. Daí que os resultados, as histórias e as lembranças vinculados ao desempenho esportivo ocupem um lugar de singular importância na geração e na recriação dessas identidades.

Em meio a essa enorme mobilidade social, o futebol está estruturado sobre alguns valores próprios dessa mesma sociedade moderna em construção: o mérito, a condição

²³ *El Diario*, 2 jan. 1930, p. 13.

²⁴ *El Diario*, 4 jan. 1930, p. 14.

²⁵ SIRVENT, M. T. *Cultura popular y participación social*. Buenos Aires: Ed. Miño y Dávila, 1999.

necessária de semelhantes para sua prática e sua expectativa, etc. Esses valores básicos para a construção da cidadania também aparecem como precondições necessárias para o aparecimento e o desenvolvimento do ritual do futebol.

O futebol foi um meio extremamente apto para a construção e a reprodução do universo do bairro, nessa sociedade aberta, com enormes necessidades de armar universos próprios, neste caso estruturado sobre o cenário territorial morfologicamente indiferenciado. A diferença foi construída no mundo simbólico e ali ocupou um lugar central.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao processo de renovação urbana, no início do século XX, o futebol viveu como pôde na cidade, sendo uma prática que ligou o descampado, a fronteira urbana, com as áreas superpovoadas, cheias de sons ininteligíveis de idiomas distantes que começavam a soar cada vez mais como músicas próprias. Assim, o futebol, como prática e moda entre jovens dos setores populares e como espetáculo incipiente, pré-existiu ao próprio aparecimento do bairro. Difundiu-se entre as vizinhanças com os jovens que aprenderam rapidamente o que significava a rivalidade, a inimizade e a torcida. Nesse movimento prévio, a identidade local, pequena, de vizinhança, estruturou a maioria das iniciativas dos fundadores dos clubes. Eles diziam defender a honra do lugar, ser seus verdadeiros representantes.

Esse formato emocional, valorativo, de atitude se repetiria mais tarde, com a produção das identificações territoriais dos bairros. Mas isso aconteceria no contexto de outra cidade que emergiria vertiginosamente. Nesses vinte anos, de 1910 a 1930, ocorreram mudanças violentas. Mudanças presenciadas e em muitos casos executadas pelos habitantes da cidade. As transformações se construíram sobre a diagramação estatal da quadrícula indiferenciada.

O futebol, praticado ou no âmbito da torcida, ofereceu espaços de participação no novo espaço público. Obviamente, não foi o único, mas foi um espaço privilegiado do ponto de vista da geração de identidades territoriais. Também ajudou a gerar identidades nacionais.

Por outro lado, se olharmos o futebol com todos seus ingredientes, perceberemos que ele conectou o cenário

extraordinário do ritual com a vida cotidiana e os espaços da sociabilidade masculina. Ocorreu um movimento simultâneo, único, no qual se potencializaram entre si o espetáculo, o clube e a imprensa, que se encarregou de codificar, classificar, regozijando em torná-lo cada vez mais visível.

Se focarmos nos atores sociais que nos interessam, os atores populares portenhos, a esmagadora maioria dos torcedores, veremos que seu papel como tal indicou a sua necessidade e a possibilidade nesse momento histórico de se tornarem visíveis, de formar parte, de pertencer, de ascender socialmente. No contexto geral de um marco que a própria elite ideou: um processo de integração tendente à homogeneização social e cultural. Nessas novas construções, o futebol operou como matriz sobre a qual se armaram novas solidariedades e novas oposições.

NEIGHBORHOODS AND SOCCER IN THE CITY OF BUENOS AIRES DURING THE 1930s

ABSTRACT

During the formation of the modern Buenos Aires, the scenario of the city enormously changed in few decades. From a city of surroundings, it emerged new neighborhoods and districts. This process that took place during the 1910s and 20s has been considered crucial in the building up of the current city. The 1920s and 30s are the moments of the emerging of a neighborhood imaginary, as well as the neighborhoods themselves. This article intends to analyze the role of soccer in this process of creation and development of neighborhoods identities.

KEYWORDS

Soccer; Buenos Aires; Neighborhoods.



[*Almanach Esportivo* para o ano de 1931, anno IV, organizado por Thomaz Mazzoni. Capa]. (Coleção CPDS, R/1004, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, SP.)